

Pneumonias e problemas cardíacos afetam população

Carlo Wrede

Duas doenças de difícil diagnóstico — por serem facilmente confundidas com outras enfermidades — são as mais comuns entre os habitantes do Estado do Rio: pneumonia e distúrbios do coração. Foram esses os dois problemas mais citados pelos entrevistados da pesquisa Gerp/JB que ficaram doentes entre julho e dezembro do ano passado. Sete por cento tiveram algum tipo de enfermidade grave. Projetando para a população do estado, seriam 931 mil doentes nos seis últimos meses de 1996.

Pneumonia e doenças cardíacas atingiram, juntas, 34% daqueles que ficaram doentes. Os índices coincidem com o movimento de um dos maiores hospitais públicos do município do Rio, o Miguel Couto, que atende pacientes da capital e da Baixada Fluminense. Problemas circulatórios são responsáveis por um quarto das cem internações mensais no Miguel Couto. As doenças respiratórias — entre elas pneumonia — ficam em terceiro lugar, com 10% dos casos. O índice de pneumonia não é maior porque dificilmente o doente precisa ser internado, a não ser que o caso seja muito grave, atinja pessoas idosas ou esteja associado a outra enfermidade, como diabetes.

Grávida — Bárbara Cunha Araújo de Souza, de 18 anos, grávida de seis meses, está reforçando os índices de doentes com pneumonia do Miguel Couto. Moradora de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, ela foi levada para o hospital do Leblon no início da semana passada, com os sintomas típicos da doença: febre, dores no corpo e muita tosse. Há três anos, a moça teve a mesma doença.

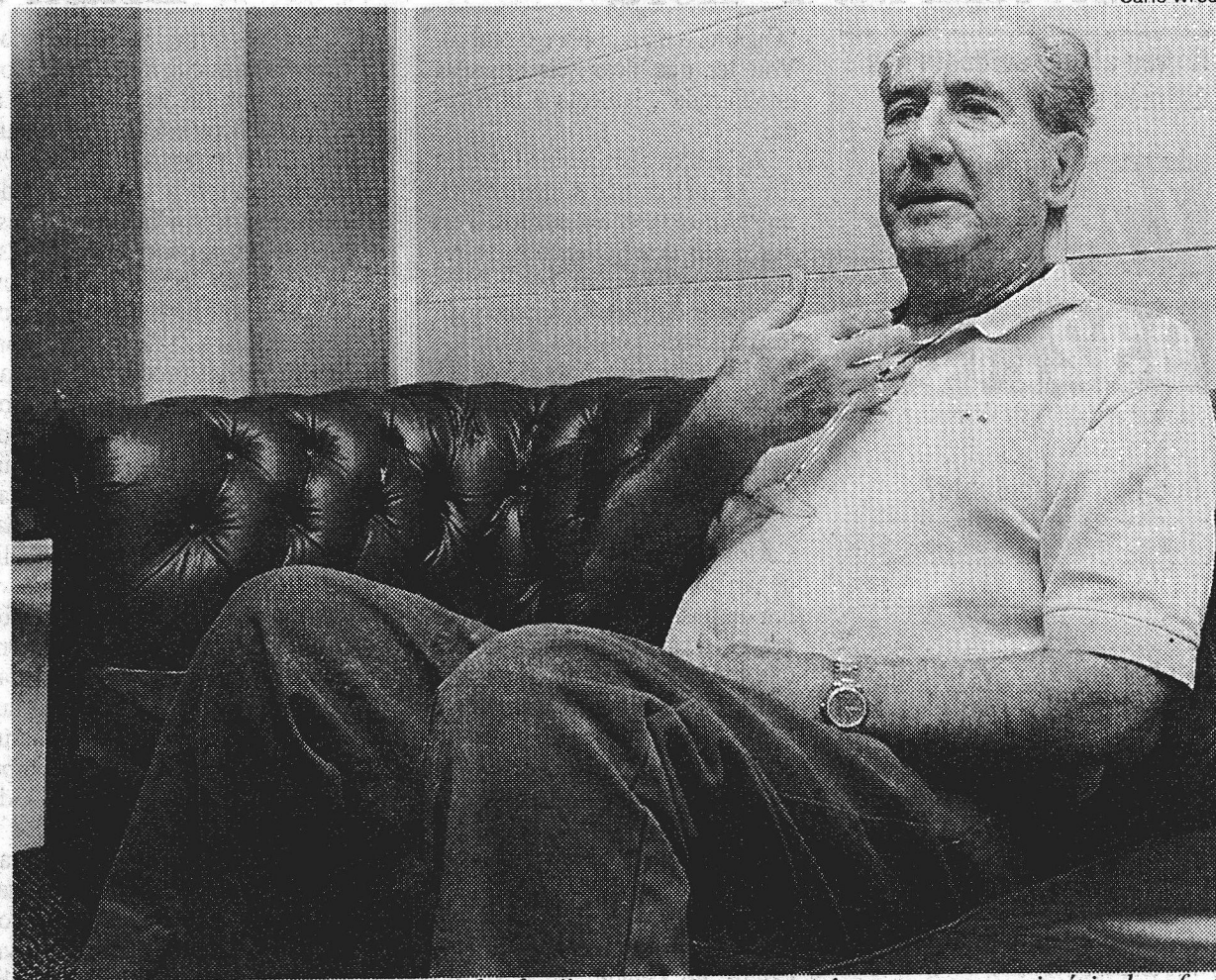
Os médicos diagnosticaram inflamação nos dois pulmões. Como Bárbara sofre de uma deficiência sanguínea, optaram pela internação. “O pior são as dores na costela”, lamentava Bárbara. Ela tinha,

cos garantiram que o bebê não sofrerá nenhuma consequência.

Bárbara teve a sorte de que sua doença foi rapidamente diagnosticada, mas Paulo Melo, de 26 anos, operador de rádio de uma empresa de transmissão de recados, sofreu durante uma semana tratando sua pneumonia como se fosse faringite. “Só o terceiro médico desconfiou que alguma coisa estava errada porque eu tomava remédios e não melhorava”, conta Paulo, que curou-se há duas semanas, depois de cinco dias de tratamento em casa, à base de antibiótico e remédios para baixar a febre.

As doenças que mais atingiram os habitantes do estado do Rio são também as campeãs em causas de mortes no mundo. Os distúrbios cardiovasculares são os maiores responsáveis por óbitos, segundo dados da Organização Mundial de Saúde. Em segundo lugar vem o câncer e em terceiro, a pneumonia. “Um dos fatores da grande incidência de pneumonia é que as pessoas estão vivendo mais e essa doença atinge muito pessoas idosas. É comum também estar associada a outra doença, como efisema, asma, diabetes”, explica o médico João Carlos Corrêa, que foi chefe do serviço de pneumologia do Hospital dos Servidores do Estado. Pessoas que têm o sistema imunológico enfraquecido — por terem órgãos transplantados ou sofrerem de câncer ou Aids, por exemplo — também estão mais sujeitas à pneumonia. “Queremos mostrar que pneumonia é um grave problema de saúde pública”, diz João Carlos. Com outros colegas, ele tenta criar grupos de referência no estudo da doença, onde os pacientes possam encontrar com facilidade as vacinas contra pneumonia.

Vacinas — As vacinas já existem, mas no Brasil são encontradas apenas em clínicas particulares. Uma custa entre R\$ 40 e



O publicitário Hélio Duarte sentia uma “dor fina” que parecia ser no estômago mas era princípio de enfarte

R\$ 60. Os pneumologistas recomendam a aplicação de vacina principalmente nas pessoas idosas, com consulta prévia ao médico, naturalmente.

Uma vacina preventiva, se existisse, seria a solução para pessoas como Hélio Lima Duarte, de 70 anos, diretor de marketing de uma agência de turismo. Há sete anos, ele descobriu que sofre do coração. Uma dor persistente e “bem fina” que parecia ser no estômago e com a qual conviveu durante cerca de três anos era, na verdade, sintoma de problemas no coração. Numa crise mais forte de dor e muito suor, Hélio procurou um cardiologista.

Foi sorte. Os exames indica-

ram que ele estava à beira de um enfarte. Submeteu-se a uma cirurgia para implante da artéria mamária, transferida do peito para o coração. Hélio cortou o cigarro, reduziu o uísque para uma ou outra dose de vez em quando, eliminou as gorduras de seu cardápio e passou a fazer caminhadas três vezes por semana.

No dia 23 de março, um domingo, porém, sentiu novas dores. Era o entupimento de outra artéria. Sofreu outra cirurgia — esta muito mais simples — e na quinta-feira seguinte teve alta da Clínica São Vicente, na Gávea. “Posso dizer para quem quer evitar doenças cardíacas que a combinação de bebida e cigarro é perigosíssima”, diz Hélio.

O cardiologista Marcelo Gomes, diretor e chefe do Centro de Tratamento Intensivo da clínica, chamou atenção para o fato de que nem sempre o eletrocardiograma aponta problema cardíaco. “É preciso ter cuidado com o eletro. Em 40% das vezes, ele não indica nada, mas pelos sintomas é preciso insistir na busca do problema cardíaco”, alerta. Segundo Marcelo, das internações de emergência da São Vicente, 57% são de pacientes com doenças do coração.

Foi para treinar cardiologistas responsáveis por atendimentos de emergência que vieram ao Brasil há duas semanas nove médicos argentinos da Fundação Favalaro, em Buenos Aires, um dos cen-

Teve alguma doença grave nos últimos seis meses?

7% da população fluminense tiveram alguma doença grave nos últimos seis meses, ou

932.150

pessoas, segundo esta estimativa

Qual doença?

Pneumonia	17%
Problemas cardíacos	17%
Problemas de estômago	12%
/Úlcera/gastrite	
Dengue	10%
Rubeola	6%
Infecção intestinal	5%
Bronquite	4%
Câncer	2%
Hipertensão	2%
Não respondeu	8%
Outros	17%

tros de referência no atendimento aos cardíacos. Chefiada pelo médico Daniel Agranati, a equipe deu aulas teóricas e fez simulações de atendimento em bonecos, como se fossem pacientes que acabaram de ter uma parada cardíaca. Agranati dá a lição mais importante: “Massagem no peito e respiração boca a boca nos primeiros quatro minutos são fundamentais para evitar lesões mais graves”.

O cirurgião Galileu Assis, diretor técnico da clínica Med-Rio, especializada em *check up*, sugere que a prevenção contra doenças cardíacas comece já na adolescência. “Há fatores de risco que podem ser combatidos desde cedo, como a obesidade.